

Chissano no diálogo com Dhlakama:

"Não cometas os mesmos erros que nós cometemos" ...

— Lina Magaia, escritora, ao idealizar conversa entre os dois líderes, dia 17

1. EU, sei, desde os meus doze anos de idade, que Joaquim Alberto Chissano é um defensor da democracia multipartidária. Isto nos tempos do Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos.

Na democracia monopartidária dos tempos após Independência, provou que nós africanos temos o nosso próprio conceito de democracia, discutindo os candidatos individualmente, porque nesse momento o povo moçambicano provou que quem o deve representar deve identificar-se consigo próprio.

Donde que, meus amigos, eu Chissano diria assim a Dhlakama, no dia 17 de Junho:

— Meu irmão, democracia em governação significa que hoje tu, amanhã outro, de acordo com aquilo que dás à maioria, isto é, aquilo que de ti agrada em muitos, representando tu as suas aspirações, e quando falo suas aspirações, falo daquilo que a maioria quer.

Se é verdade que lutaste por este povo e pela implementação da democracia no país, então pára de reclamar benefícios específicos em relação a ti, porque hoje és presidente da Renamo, mas amanhã poderás não ser depois de eleições internas do teu partido.

Por outro lado, tens que pensar nas ambições. Qualquer um no teu movimento que queira o poder, pode mover de modo a que nas eleições tu percas.

O que tens a fazer, tu, como homem, é criar condições para que Afonso Dhlakama tenha uma casa para si e sua família. A isto todos aspiramos.

Aquilo que hoje reivindicas, aquilo a que chamas condições logísticas relacionado contigo próprio, entanto que presidente da Renamo, e que te torna

antipático perante o povo moçambicano, amanhã eventualmente cedê-lo-ás a outro que seja eleito presidente da Renamo. É preciso que não te esqueças de que modo te tornaste presidente do teu movimento, que queres que eu transforme em partido. Naquele tempo, foste indicado por quem criou o teu movimento, tal e qual tu nomeaste Vicente Ululo para Secretário-Geral, mas dentro das democracias, mesmo no mesmo partido, há oposição e a tua oposição interna pode eleger outro em teu lugar.

— Irmão, se é verdade que amas este povo que sofreu 16 anos de guerra fratricida, junta-te a todos os moçambicanos e procura a melhor maneira de parar com o processo ora iniciado da neocolonização do país. Reconciliação, implementação de harmonia e concórdia entre os moçambicanos passa necessariamente pelo cumprimento daquilo que ambos assinámos em Roma no dia 4 de Outubro de 1992, e na defesa dos interesses económicos e sociais deste nosso povo. Qual é o teu problema?

Reconheceste o Governo que eu lidero e as suas instituições até à tomada de posse de um governo eleito em sufrágio directo e voto secreto. Por que atropelas as cláusulas do jogo, com essa de dupla administração?

— Não quero de modo algum que de novo haja guerra neste nosso território, mas não é bom pensares que me tens nos teus pés a mendigar a paz para o nosso povo. O nosso povo sofreu muito e tem o direito à felicidade. O nosso povo quer produzir comida e riqueza, por isso será intolerável que moçambicano como tu mantenha a desestabilização no nosso seio.

É desestabilização o que os teus homens andam a fazer de prender cidadãos, impedir actividades económicas, alegando que defendes o meio ambiente. Será que para ti uma árvore vale mais que um feto humano de nacionalidade moçambicana, morto ainda como tal no ventre da sua mãe? Esqueceste já que foi essa a tática por ti preconizada para chegares onde estás hoje?

— Afonso, vamos lá às eleições. Isso de Governo de transição não joga porque está fora das regras. Eu não temo o resultado. Se fores tu a ganhar, tudo bem. Passarei para a oposição, e combatarei de acordo com as regras aquilo que se coloque fora dos interesses do meu povo pelo qual luto desde que me conheço homem.

Há uma coisa que gostaria de dizer-te como aviso, já que me tens como teu irmão:

— Não cometas os mesmos erros que nós cometemos. Juro-te, Afonso, essa coisa de "guetos" o povo não gosta, guias-de-marcha, o povo não gosta...

2. Considerando o que tenho ouvido daquilo que Dhlakama fala, penso que eu sendo Dhlakama, no dia 17 de Julho, diria o seguinte a Chissano:

— Meu irmão, eu não posso admitir que tu vivas num palácio e eu não. Eu trouxe a democracia para o país, por isso tenho o direito a um palácio. Não venhas com essa treta de que os portugueses,

Dom. 11/7/93

porque tinham um só a representar o seu poder, só construíram um palácio para esse. Isso para mim não pega. Eu quero um palácio... (e bate com o punho na mesa). Ou arranjas isso ou...

— Meu irmão eu tenho que garantir a minha presença agora mesmo na



Lina Magaia

governação, porque essa coisa de governação só depois das eleições, pode falhar. Quem me diz a mim que serei eleito?

Ainda por cima os da oposição não amada vêm por aí a dizer-me que não me devo candidatar. Aceitas isso ou...